MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
www.casadefreigalvao.com.br
museufreigalvao@yahoo.com.br

2010 **nº 298**

Presença Libanesa em Aparecida e Guaratinguetá

"Se há comércio libanês,
ali há uma boa praça"



Historicamente os primeiros libaneses aportaram no Brasil com Tomé de Souza, no ano de 1548. Oficialmente, entretanto, aqui chegaram a partir de 1880, devido ao aumento da opressão e perseguição religiosa do Império Otomano sobre o Líbano e em atendimento a convite feito por D. Pedro II, em sua visita a Beirute, para que viessem para nosso país, por sua amplidão e terras férteis.

Ao chegar ao Brasil, foram confundidos com "turcos" porque, até a década de 1920, havia um único tipo de passaporte para todos os habitantes do Império

Otomano, ao qual o Líbano estava integrado. Essa imigração foi espontânea e livre, sem participação governamental e com boa aceitação pelo povo brasileiro.

Ao chegarem à terra oferecida, os libaneses se estabeleceram inicialmente nas proximidades dos portos de desembarque, partindo depois para outros pontos do país. Poucos se mantiveram como lavradores, tornando-se **mascates** - mercadores ambulantes pelas fazendas e vilas - até se fixarem com lojas e armazéns, destacando-se no comércio, arte que herdaram dos fenícios.

Hoje a concentração libanesa no Brasil, especialmente em São Paulo, é a maior fora do próprio Líbano, após os 130 anos de seu estabelecimento em nossas cidades, segundo nos informa o jornal "O Estado de São Paulo", de 24/4/2010, na reportagem "São Paulo: o Líbano da América", comemorando-se também os 65 anos de "Estabelecimento das Relações Diplomáticas entre Brasil e Líbano".

Em **Aparecida**, que até 1928, **pertenceu ao município de Guaratinguetá** o centenário da chegada dos libaneses foi homenageado com a publicação da revista **Maktub**, em 1990, com ricas informações e documentos. Pesquisa realizada por José Felício Goussein Murad registra a atração exercida por Nossa Senhora Aparecida sobre as famílias libanesas, como por exemplo, Rosa Abdalla, já residindo no Rio de Janeiro em 1889, ao tomar conhecimento da existência da Santa. Devota de Nossa Senhora do Líbano, desejou visitar a Nossa Senhora do Brasil. Veio e ficou. O mesmo aconteceu com Chad Gebran, abrindo-se assim *"as portas da imigração para Aparecida"* que se tornou a maior concentração libanesa do Vale do Paraíba. Uma pintura dessa época, documenta alguns libaneses mascateando no adro da igreja, hoje Basílica Velha. E foi assim que, mascateando e comercializando, chegaram a Aparecida novas famílias, além de sírios, palestinos e árabes.

O comércio dos mascates recebeu um capítulo especial no livro ***"Memórias do Comércio de Guaratinguetá"***. Comerciantes - tropeiros, sob sol e chuva, esses mascates levavam sua mercadoria no lombo dos burros, em baús ou em canastras, como então eram chamadas grandes malas de couro ou madeira. Sua presença era anunciada por uma matraca - instrumento de percussão que o mascate trazia às mãos e que fazia soar quando se aproximava das casas de fazenda, bairros e vilarejos. Ali eram recebidos com amabilidade e curiosidade pelos compradores eventuais.

Quanto ao nome, veio do **Porto de Mascate**, centro comercial árabe conquistado por Portugal em 1507. Era usado inicialmente pelos comerciantes portugueses que percorriam o nosso interior nos primeiros tempos, estendendo-se depois a todos que se dedicavam a esse útil comércio ambulante, especialmente libanês.

Em Aparecida, os mascates libaneses, aos poucos, foram estabelecendo um comércio fixo ao redor da igreja de Nossa Senhora Aparecida e suas proximidades.

Típicos do local, eram, então, as "caixinhas", com artigos religiosos para oferecer aos visitantes, assim como as atuais "banquinhas".

Documentos comprovam a abertura de duas das primeiras lojas, em 1890: a *Verdadeira Casa Verde*, de Chad Gebran, que trabalhava com arreios e tropas e a *Verdadeira Casa Azul,* com artigos diversos, de Miguel Matuck, cujo nome foi abrasileirado para Miguel Mathias. Vindo de Thalia, casou-se em 1900, em Aparecida, com Rosa Murad, que veio do Zahle, especialmente para este compromisso.

Segundo dados recolhidos por José Felício Goussain Murad, residiam em Aparecida, no final do século dezenove, provenientes de Zahle - Líbano, "as famílias Chad, Abdalla, Goussain, Murad, Matuck, Mathias, Haamat, Sebe, Esquiff, Jorge, Chuaire, Antonio, Felix, Kalil e outros. No início do século vinte novas famílias vieram como Azem, Boueri, Jacob, Laua, Bechara, Kopaz, Munair, Balot, David, Andare, Ferreira. Entre a primeira e segunda guerra mundial, os Bourabebi, Samahá, Elache, Gorra, Mechica, Jehá, Ayub. Do último ciclo emigratório são os Tufic Darido, Ibrahim, Youssef Darido, Cury, Louis, Kachfi, Raad, Carone, Falseli". Muitas delas continuam em Aparecida, com várias gerações ali nascidas e criadas, todas dedicadas ao comércio, sendo poucas as que deixaram a cidade.

Em Guaratinguetá, a notável presença libanesa é, certamente um atestado da pujança do comércio na cidade, confirmando a verdade contida no velho ditado "se há comércio libanês, ali há uma boa praça". O livro "*Memórias do Comércio de Guaratinguetá*" destaca as primeiras casas comerciais sírio-libanesas, como a Loja da Syria, fundada em 1902; a Casa da Arábia de 1903; a Casa de João Abdalla e Irmãos; a Loja de Armarinhos e Tecidos de Resk Seraphim; a de Jorge Elias, depois conhecida como de "dona Rosinha" (ainda existente), a loja Boueri; a Rosa de Ouro de Muce Kalil (onde hoje funciona parte da Casa Brasileira, que pertenceu a Jorge Issa), o Bazar Syrio Brasileiro de Jorge Samahá; a Casa Syria, da família Kalil Francis, a filial da Casa Farah, o Paraíso das Crianças e a Casa das Frutas, de Jorge David, a Casa Milre, de Milre Abdo Felix, o Kafé Hotel, de Bechara Kalil, ainda em mãos de sua família.

Na década de 1950, a calçada lateral da Praça Conselheiro Rodrigues Alves, era um marco desse comércio sírio-libanês. Ali estavam o prédio da família de José João Abdalla; o sobrado da família Sebe com seu comércio de armarinhos; a Casa Syria, com tecidos finos; a Casa Milre, que reunia, ao lado de artigos populares, finas louças, prataria e cristais importados; e a Casa Sebe, com tecidos e armarinhos. Dessa época resta neste ano de 2010, apenas a fachada do belo prédio da família de João José Abdalla, hoje abrigando a Drogasil, na praça Conselheiro Rodrigues Alves.

A presença libanesa, entretanto, não está apenas em prédios e comércio. Está nos usos e costumes que trouxe para o Brasil, nos doces e salgados, com seus temperos especiais e suas especiarias, hoje integrados à culinária regional. Não podem ser esquecidos também os tristes lamentos das carpideiras de outrora, em suas despedidas fúnebres, costume herdado dos ritos egípcios.

Novas palavras foram também acrescentadas ao vocabulário local, tratando-se os libaneses entre si como "patrício" e "primo", com a pronúncia indicadora de sua origem.

O uso do "abaco" - uma rudimentar máquina de calcular, feita com bolinhas de madeira e o lazer do jogo de gamão, à porta das lojas, são cenas que marcaram a memória das antigas famílias vindas do distante Líbano, cujo nome significa *"branco, em alusão a neve que cobre o cume de suas montanhas"*.

Thereza Regina de Camargo Maia.

Fontes de Consulta

- Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão.
- BRAIS, Lody. *130 anos da Imigração Libanesa no Brasil.* Programa da 15ª Festa do Imigrante. Memorial do Imigrante. Rua Visconde de Parnaíba, 1316. São Paulo, 2010.
- Jornal O Estado de São Paulo. Seção Cidades Metrópole. S.Paulo, 24.04.2010, p. C5.
- MAIA, Thereza & MAIA, Tom. *Memórias do Comércio de Guaratinguetá.* Edição bilíngüe. Ed. do Sindicato do Comércio Varejista de Guaratinguetá. Associação Comercial de Guaratinguetá, 1995.
- Revista MACKTUB. Publicação comemorativa da imigração libanesa para Aparecida, novembro/1990.
- BOUERI NETO. *Aparecida - meus tempos de infância.* FBCom. Editora. São Paulo, 2002.

Ilustrações: - O Mascate, desenho de Tom Maia. - Anúncio, Revista Maktub.

